VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

BANHOS QUE CURAM: PRÁTICAS TERAPÊUTICAS EM ESTAÇÕES TERMAIS E BALNEÁRIOS MARÍTIMOS DO RIO GRANDE DO SUL

Joana Carolina Schossler*

No século XIX, com a chegada de imigrantes europeus ao Rio Grande do Sul, introduziu-se através da classe médica, o conhecimento científico relacionado às práticas terapêuticas difundidas na Europa do século XVIII.

Com o aumento da imigração e colonização alemã, muitos médicos migrantes transferiram seus saberes hidroterapêuticos a comunidade sulina, que através dos jornais de língua alemã podiam acompanhar os tratamentos em voga nos sanatórios europeus e brasileiros, contribuindo para difusão do conhecimento científico e sua prática.

De acordo com Magda Gans, a vida cultural erudita era bastante dinâmica em Porto Alegre, sendo que a difusão de alguns saberes pela imprensa era um instrumento importante para perpetuar nos imigrantes as lembranças da sua pátria de origem.

Assim, no final do século XIX, um anúncio no jornal de língua alemã *Koseritz's Deutsche Zeitung*, evidencia a possível procura dos leitores para os tratamentos em "Estabelecimentos de Banhos Hidro-sudo terapêuticos de doenças

* Doutoranda em História|UNICAMP,bolsista FAPESP.

ISBN: 978-85-98711-10-2

agudas ou crônicas, com banhos de todas as maneiras, de transpiração e ducha, todos os dias, a qualquer hora, na Rua Andrade Neves, em Porto Alegre".[1]

No Rio Grande do Sul, a técnica seguida pelos médicos alemães para aplicação dos banhos terapêuticos tinha como base o método do precursor da hidroterapia na Alemanha, Sebastian Kneipp (1821-1897). Inclusive, o livro "Meine Wasserkur", editado em 1886, tornou-se um vade-mécum dos banhos terapêuticos, sendo que no final do século XIX, na cidade de *Hamburger Berg* houve um estabelecimento de saúde que seguia o método.[2]

Na cidade de Joinville, Santa Catarina, um anúncio no jornal menciona o método medicinal de kneipp, que era aplicado no *Instituto Hydro Therapico* de Hamburgo Velho, atual Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. A importância deste "hidroterapeuta" também foi matéria no complemento *Ilustriertes Unterhaltungs Blatt* do jornal de língua alemã *Kolonie Zeitung*, de Joinville, Santa Catarina, onde se encontra uma imagem do monumento à Kneipp, localizado na Alemanha.[3]

Em 1908, na cidade de Santa Cruz do Sul, o médico alemão Ortenberg foi enviado para guerra para atuar junto às tropas alemãs. Ao retornar para o Brasil, ele passou a aplicar na cidade termal de Iraí, os banhos turcos, que conheceu durante sua estada na Europa.[4] Ainda em Santa Cruz do Sul, o médico naturalista Eduard Kämpf, que seguia a técnica dos banhos de ar, luz e água, procurou uma localidade para instalar um sanatório.[5] Algum tempo depois, Kämpf e Ortenberg trabalharam juntos no Sanatório em Iraí, bem como divulgaram suas técnicas de banhos no Almanaque de língua alemã *Kalender*.

---

1 Koseritz's Deutsche Zeitung, 31/1/1885.

2 CORREA, Sílvio M. Germanismo e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. XVIII Simpósio de História da Imigração e Colonização - "Saúde: Corporeidade – Educação". São Leopoldo: Unisinos, 2008, p. 10.

3 Ilustriertes Unterhaltungs Blatt, Beilage zur Kolonie-Zeitung, (Joinville, SC), n.3, 21/5/1914, p.11. Biblioteca Central da UFSC (Setor Obras Raras)

4 CORREA, 2008, op. cit., p. 6.

5 Ibid.

ISBN: 978-85-98711-10-2

A CIDADE SAÚDE

Na história da medicina, as águas termais sempre dividiram opiniões divergentes sobre seu poder curativo. Independente de crença ou milagre de cura, o tratamento em águas termais era indicado na maioria das vezes por médicos ou especialistas em hidrologia, para atenuar reumatismos, tosses, gota ou tratar a saúde da mulher.

Localizada na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Iraí era chamada em 1894, de *Águas de Mel*. No entanto, em 1917 sua procura e usufruto adquiriu outra dimensão quando a comissão técnica do estado estudou seu aproveitamento para utilização terapêutica.[6]

O laudo para a frequentação das águas termais no Rio Grande do Sul tardou a ser consentido, porém este fato não representou um empecilho para aqueles que se interessavam pela ida às águas e pelo tratamento em voga na época. Como indício deste fato e da popularidade da prática para fins terapêuticos, pode-se citar o tratamento hidrotermal do Tenente Coronel Comandante do 2° batalhão da Guarda de São Leopoldo, Julio Henrique Knorr, que recebeu em 1860, licença de três meses para usar as águas termais da província de Santa Catarina, a fim de tratar seu reumatismo crônico, considerado pelo presidente da sua província útil.[7]

Após a "descoberta" de Iraí e dos estudos técnicos da água, a frequência ao local teria se intensificado, porém, o balneário, nessas primeiras décadas, ainda não possuía a estrutura desejada pelos médicos, pois carecia de uma série de elementos considerados indispensáveis para total sucesso dos tratamentos.

Em 1927, em sua tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o médico Heitor Silveira estudou os componentes das águas de Iraí e seus usos. Em suas descrições, Silveira apresenta as águas locais que ficaram conhecidas como sulfurosas pelo odor do ácido sulfídrico. Porém, o especialista salienta que esta

---

6 **Revista do Globo**, n° 14, 1931.

7 Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS), Fundo Guarda Nacional, Série Comando Superior, Maço 23, 15/10/1849. Ofício enviado pelo Comandante da Legião da Guarda Nacional do Município de São Leopoldo, João Daniel Hillebrand, ao Comandante Interino da Guarda Nacional na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul

ISBN: 978-85-98711-10-2

denominação de "água sulfurosa" deveria ser abandonada, pois os efeitos terapêuticos observados não dependiam do ácido, que existia em pequeníssima quantidade.[8]

Sobre a análise da utilidade das águas, o médico demonstrou a importância histórica da cura termal para crianças e adultos, ressaltando que "a medicação hidromineral estimula a nutrição, regulariza as trocas, ativa os processos de desintoxicação, transforma os terrenos e melhora as constituições orgânicas".[9]

Outro fator relevante para o médico era o regime alimentar, que segundo suas observações, era um adjuvante nas estações minerais. Sobre o presente aspecto, o médico faz comparações com as famosas estações europeias de Vichy e Royat, demonstrando seu conhecimento sobre o método dietético aplicado conjuntamente aos banhos, e que, em sua opinião, Iraí deixava a desejar.[10]

> Muito pouco se fez até hoje em Irahy, a respeito de dietética. Deixemos por isso de bordar comentários sobre este assunto por nos faltarem observações. Não obstante isso, insistimos sobre a necessidade do estabelecimento dos regimes.
> Esta falha, contudo, realça as propriedades terapêuticas das águas do mel e faz-nos prever resultados muito mais satisfatórios do que os obtidos até hoje, uma vez que ela seja saneada.[11]

O médico tece considerações em torno do clima, que reputava ideal pela oscilação das temperaturas, definindo a estação de verão adequada para banhistas que viviam ordinariamente em cidades, onde o ar é sempre viciado, cheio de pó e de germes. Desta forma, as idas para a vida em pleno ar, excitante por sua pureza e por sua carga de oxigênio, água excelente e pitoresca natureza exuberante, forneciam condições necessárias para a cura e o repouso.[12]

Na década 1930, após a publicação da tese de Heitor Silveira, a procura pela "cidade saúde" aumentou. Outro agente determinante para o afluxo de curistas ao local

---

[8] SILVEIRA, Heitor. A estância de águas mineraes de Irahy (fontes do mel) e suas indicações e contra-indicações therapeuticas. Tese de Doutorado: UFRGS, 1927, p. 41

[9] Ibid, p. 52-53.

[10] Ibid, p. 56

[11] Ibid,p. 57.

[12] Ibid, p. 44 -50.

ISBN: 978-85-98711-10-2

foi a melhoria de estradas em 1928, assim como a estrada de ferro, cinco anos mais tarde.

A popularidade das águas termais se evidencia por meio dos anúncios publicados no jornal da capital gaúcha, *Correio do Povo*, que divulgava excursões para Iraí, hotéis para hospedagem durante a temporada e benefícios que as águas proporcionavam aos reumáticos. O próprio autor da tese sobre as águas, Heitor Silveira, possuía publicidade no jornal, indicando a cidade termal para o tratamento de injeções minerais nas doenças alérgicas, da pele, asma, reumatismo, entre outros.[13]

Conforme Maria Quintela, o uso da água como agente terapêutico para o tratamento do reumatismo adquire um sentido atribuído por "doentes" e médicos em função das suas representações, causas e formas de tratamento sobre a doença. Nesse processo, semelhante ao ocorrido com os medicamentos, a água termal é "coisificada", transformada em um bem que se consome.[14]

Heitor Silveira, que preocupava-se com as indicações e contra-indicações daquelas águas, tratou, durante o período que foi diretor do balneário termal melhorar aspectos arquitetônicos, instalações de conforto e assistência para cura crenoterápica. Tais melhorias, se aproximavam da estrutura das estações termais europeias, que já eram conhecidas pelo médico-diretor, que objetivava aprimorar o balneário, que era procurado por diversas finalidades, sobretudo, pelos jogos de azar, que levou a estação termal ao declínio no final dos anos 1940.

BANHOS DE MAR

Entre os primeiros banhistas que migravam às praias do litoral norte do Rio Grande do Sul, percebe-se uma significativa parcela de imigrantes alemães e seus descendentes. Este fator está associado ao conhecimento científico que os médicos,

---

[13] Correio do Povo, 25/1/1939.

[14] QUINTELA, Maria Manuel. Turismo e reumatismo: etnografia de uma prática terapêutica nas termas de S. Pedro do Sul. Revista Etnográfica, Vol. V (2), 2001, PP. 359 -374, p. 360.

ISBN: 978-85-98711-10-2

sobretudo alemães, possuíam em relação aos benefícios dos banhos de mar e também ao nível socioeconômico da comunidade alemã em Porto Alegre.[15]

De um expressivo número de imigrantes que provinha da hinterlândia germânica, para muitos a travessia atlântica foi à primeira experiência com o mar. No entanto, entre os profissionais liberais que imigravam por várias razões, a vilegiatura marítima, especialmente ao Báltico, fazia parte de suas experiências, assim como a temporada em estações termais. [16]

Portanto, é possível inferir que o pioneirismo dos alemães na vilegiatura marítima era, para muitos, um "hábito comum", que foi adaptado ao novo contexto, pois as águas geladas do litoral gaúcho se assemelhavam com as do Báltico, sendo propícias ao objetivo terapêutico, que preferia o mar frio ao mar quente e os banhos breves aos banhos longos.[17]

Na virada do século XIX para o XX, o apogeu do comércio e da indústria no Rio Grande do Sul provocaram uma busca por refúgios que pudessem sanar o cotidiano eletrizante da vida urbana. Além disso, esses lugares de retiro serviam para mostrar a distinção dos retirantes temporários, numa época em que não existiam férias remuneradas.

Inicialmente, a frequentação da costa balneária foi emoldurada pela prática dos banhos medicinais. No entanto, ao longo da primeira metade do século XX, as praias do litoral norte passaram por modificações materiais, adequando sua infraestrutura às demandas dos banhistas, como almejava a modernidade.

A mudança da sociedade gaúcha seguiu o ritmo das transformações sociais que vinham ocorrendo no Brasil. Com o advento da república, tentativas de acompanhar o

---

[15] De um total de 2.093 textos na capital, a autora registrou em seu estudo 1.203, que foram classificados como populares, médios e afortunados. Destes 1.203, 77 indivíduos são de nível socioeconômico baixo ou popular, 902 de nível médio e 223 de nível médio ou afortunado. GANS, Magda Roswita. **Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889).** Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004, p. 27

[16] CORREA, op. cit., p. 6

[17] URBAIN, Jean-Didier. **Sur la Plage : mœurs et coutumes balnéaires (XIX–XX siècles)**. Petite Bibliothèque Payot: Paris, 2007, p. 137

ISBN: 978-85-98711-10-2

modelo estrangeiro visavam não só à modernização das cidades, mas os preceitos higienistas muito em voga no período.[18]

Um dos aspectos marcantes da modernidade foi o domínio sobre a natureza, sobretudo pelo viés científico. Este fator contribuiu para o discurso dos médicos e higienistas, que passaram a difundir a prática dos banhos de mar como novos padrões de civilidade, que faziam parte do asseio e dos benefícios à saúde.

A forma profilática dos banhos de mar, prescritas pelos médicos, buscava o vigor físico necessário para lidar com as mudanças que vinham ocorrendo na sociedade.[19] Esta significativa contribuição das práticas terapêuticas deu-se devido à presença de imigrantes e, principalmente, aos médicos adeptos das técnicas hidroterapêuticas realizadas na Europa. No entanto, algumas décadas mais tarde, alguns especialistas encontraram problemas referentes à liberdade professional.[20]

Surgido em 1926, o tema prolongou-se por alguns anos. Entre as discussões acaloradas nos congressos médicos e na imprensa gaúcha, estava o fato da validação do diploma médico por parte de especialistas estrangeiros, que sem tardar, passaram a ser alcunhados de charlatães, conforme afirmou o Dr. Heitor Annes Dias, dizendo que o "charlatanismo estava aumentando assustadoramente, e que os charlatães, em geral, vinham de fora".[21]

Como demonstrado nos romances *Dr. Gressler, o médico de termas* e *Anna Kariênina*, o charlatanismo era uma questão presente, sendo que na Europa, entre os anos de 1830 e 1850, a medicina vienense tomou uma posição contrária a essa exploração, na qual a contribuição de pesquisadores sobre a necessidade de uma análise atenta, e de uma descrição rigorosa da doença fosse realizada antes de empreender qualquer terapêutica.[22]

---

[18] ENKE, Rebecca Guimarães. Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905). Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História), UNISINOS, 2005, p. 27.

[19] Ibid, p. 32

[20] GERTZ, Rene. O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 132.

[21] Ibid, p. 139

[22] CAMPOS, Maria do Carmo Alvez de. **Protasio Alvez e seu tempo**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2005, p. 60.

ISBN: 978-85-98711-10-2

No Rio Grande do Sul, o exercício de práticos, curandeiros e charlatães, em contraste com o escasso número de médicos diplomados em outras faculdades brasileiras e estrangeiras, foi sendo detalhadamente registrado por Protasio Alves nos Relatórios da Diretoria da Higiene Pública, entre 1896 e 1903, período este, que antecedeu a primeira formação de médicos em Porto Alegre.[23]

Apesar dos ruídos a respeito da veracidade das terapêuticas aplicadas pelos médicos imigrantes e por aqueles que tiveram formação em outras faculdades, os banhos de mar terapêuticos no Rio Grande do Sul não suscitaram dúvidas ao saber médico que se institucionalizava. Fatores como, o ar atmosférico elevado, a maior quantidade de ozônio e a grande intensidade de luz solar, serviam como recomendação da praia para o tratamento de bronquite, problemas circulatórios, doenças metabólicas e reumatismo crônico.

Neste sentido, a prática do banho e sua sociabilidade estavam organizadas em torno da doença. O banho não era uma aventura marginal ou uma cerimônia de ostentação. Ele entreviu um método curativo ou preventivo, definindo uma linguagem comum às múltiplas prescrições. Ainda assim, a medicina dos banhos de mar estabeleceu regras e teorias, formando um órgão decisivo na vigilância e ritualização de algo que se tornou moda.[24]

A normalização dos banhos de mar previa a segurança do banhista, canalizando e homogeneizando, de modo dogmático, o prazer dos curistas. Para isso, a medicina codificou tudo, os corpos, os gestos, as ações, os costumes, a convivência, o espaço e o tempo dos banhos de mar.[25]

Não muito diferente da Europa, as imersões no Rio Grande do Sul tiveram horários regrados, com o primeiro banho pela manhã, antes do nascer do sol, e o segundo à tarde, antes do sol se por. O horário para a realização dos banhos, que durava cerca de 15 minutos, também estava condicionado à prevenção da cútis alva da maioria dos banhistas, que se protegiam dos raios solares com longas vestimentas, como

---

[23] CAMPOS, Maria do Carmo Alvez de. **Protasio Alvez e seu tempo**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2005, p 81

[24] URBAIN, op. cit., p. 133.

[25] Ibid.

ISBN: 978-85-98711-10-2

evidenciam as primeiras imagens de banhistas à beira-mar, impresas nas revistas ilustradas do período.

Diante do discurso higienista da modernidade, o receio dos miasmas por parte da burguesia urbana foi reconhecido, tornando os banhos de mar uma prática saudável. Essa medicalização preparou, paradoxalmente, como obstáculo ideológico ao prazer, as libertações frágeis da infância, a sexualidade dos adolescentes, o nudismo e a sexualidade de todos. Ou seja, ao fixar uma norma e delimitar a proibição, esta moralização científica dos banhos de mar, primeiro onipotente e depois progressivamente objeto de contestação, foi um efeito a origem dos transgressores naturistas e outras emancipações que tem feito a história da praia balneária até os dias atuais.[26]

BANHOS, ENTRE A CURA E O LAZER

Desde o final do século XIX, tanto os banhos em águas termais como os banhos de mar, eram procurados com princípio de cura. O discurso científico, propagado neste período através dos jornais, das revistas e, principalmente, pela classe médica especializada, difundiu tais saberes e práticas, que resultaram na constituição de um estabelecimento específico para o uso dos banhos.

A cura pelos banhos requeria espaços específicos, onde os banhistas pudessem realizar seus tratamentos, mas também se divertir. No caso da cidade termal de Iraí, a estrutura com hotel, casino e restaurante foi constituída buscando atender um público que almejava distração durante a vilegiatura terapêutica.

A popularidade das águas "milagrosas" pode ser acompanhada com maior evidência nas propagandas no jornal *Correio do Povo*, que divulgava excursões para Iraí, hotéis para hospedagem durante a temporada e benefícios das águas para o tratamento de reumatismo. Esses anúncios se intensificaram nos anos 1930, sendo possível perceber a logística das "empresas de turismo", que ofereciam pacotes para 7, 14 ou 21 dias. Outros ofereciam combinações entre transporte e estada na cidade termal

[26] Ibid, p. 134

ISBN: 978-85-98711-10-2

e ainda salientavam condições dos prédios, mas também do cardápio oferecido na "ótima cozinha" do hotel.

Já nas publicidades divulgadas pelos hotéis, a grande quantidade de hospedes é sempre reforçada em imagens incorporadas ao texto atrativo. Alguns destacavam a diferença social de sua clientela, descrevendo o estabelecimento como o "hotel da elite". Outros usavam da questões material, reforçando a suntuosidade de seus prédios e o conforto em serviços variados durante o período mundano.

Assim como em Iraí, o pequeno capital de alguns imigrantes também incrementou o comércio hoteleiro junto ao mar. Os banhistas que se deslocavam com seus convalescentes em carroças de bois até as praias no final do século XIX, podiam trocar os acampamentos em locais descampados pela hospedagem no *Hotel da Saúde*, que denúncia em seu nome a busca pela vilegiatura terapêutica.

Os anúncios para os interessados nos banhos de mar, também eram impressos desde o final do século XIX nos jornais que circulavam em Porto Alegre. Eles ofereciam aos curistas transportes até as praias, que poderiam ser agenciados nas casas de comércio da capital.[27]

No início do século XX, surgiram outros estabelecimentos ao longo da orla marítima, que se baseavam nos balneários europeus. Apesar da falta de infra-estrutura, eles ofereciam aos banhistas serviços regrados para os banhos e distrações durante o período de repouso, que amenizavam o tédio da temporada, normalmente descrito pelos veranistas em cartas e cartões-postais.

A publicidade dos hotéis surgidos nas primeiras três décadas do século XX eram variadas. O Hotel Picoral, localizado em Torres, buscava atingir seu público por meio de propagandas em jornais, rádio, cartão-postal e cartilhas personalizadas, que destacavam os passeios, a natureza do lugar e os serviços que garantiam a comodidade dos banhistas, como correio, jornais, telegrafo, além da distração em bailes e saraus que reuniam a elite porto-alegrense.

Ao longo deste período, os preceitos medicinais dos banhos de mar continuaram a ser destacados nos anúncios dos hotéis. Um exemplo específico é o

[27] **Marcantil**, Porto Alegre, 08/01/1884.

ISBN: 978-85-98711-10-2

balneário *Meneguetti* que se dizia "especializado no benefício a saúde de crianças". Em 1934, o hotel mudou de nome e passou a enfatizar nas suas propagandas a qualidade de sua "cozinha de primeira ordem", sendo ela "italiana e brasileira".

Apesar dos banhos de mar terem adquirido outros usos durante os anos 1920 e 1930, o discurso terapêutico continuou a imperar nas manifestações médicas, que destacavam nos artigos publicados em jornais e revistas, os "benefícios salutares que o citadino poderia usufruir ao frequentar a orla marítima".[28]

Por meio desta pequena amostragem publicitária, é possível perceber o quanto o discurso médico foi incorporado por banhistas na busca pelas águas termais e marítimas. No entanto, após a "descoberta" das prazerosas sensações que os banhistas encontravam durante os banhos e nas demais atividades de repouso, o discurso terapêutico perdeu força para as novas formas do uso do tempo livre.

A partir dos anos 1930, a busca de banhistas pelas águas termais e pela orla-marítima se intensificou. Essa demanda foi acompanhada de outros incrementos na infra-estrutura, como estradas, hotéis, cassinos, parques e outras variáveis que popularizaram estes espaços. Cabe ainda ressaltar, que apesar de um aumento significativo pela busca dos banhos termais nos anos 1940, as praias de mar ganharam maior evidência social após a conquista das férias trabalhistas, tornando-se um desejo comum, que reproduz até os dias de hoje o discurso revigorante sobre banhos de mar.

[28] **Correio do Povo**, 29/11/1921